

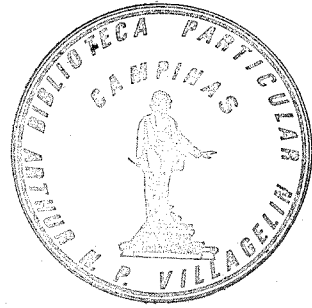
RUA COELHO NETO

Formada pela rua 4 da Vila Itapura
 Início na avenida Francisco Glicério
 Término na rua Prefeito Passos
 Vila Itapura

Obs.: Por mais que buscassemos, não encontramos nem na Prefeitura, nem na Câmara, qualquer legislação denominando a conhecida via pública.

COELHO NETO

Henrique Maximiliano Coelho Neto nasceu em Caxias, Maranhão, em 21-fevereiro-1864 e faleceu no Rio de Janeiro em 28-novembro-1934. Filho de pai português e mãe indígena amazonense, aos seis anos abandonou a terra natal e seguiu para o Rio de Janeiro. Cursou o Colégio Pedro II e depois de tentar a Medicina e o Direito no Rio, São Paulo e Recife, dedicou-se ao jornalismo e ao magistério. O casamento, em 1890, trouxe-lhe compromissos que o forçaram a contínuo e ininterrupto trabalho literário, até o fim da vida. Em 1891, lançou o seu primeiro livro "Rapsódias". Em plena agitação abolicionista, trabalhou na "Gazeta do Rio", com José do Patrocínio e no "Diário de Notícias", com Rui Barbosa. Premido pela precária situação econômica, no Rio, inscreveu-se ao concurso de uma cátedra no "Culto à Ciência" e vencendo-a, tornou-se professor de Literatura. Foi uma época de extraordinário brilho na cultura campineira. Juntamente com o brilhante tribuno campineiro Cesar Bierrenbach, Campos Novaes e outros fundou o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. A intensa atividade social e literária que mantinha no Rio, registrou-a em nossa cidade. No Natal de 1903, foi autor da célebre "Pastoral", representada em Campinas, repetida na Casa "Livro Azul", constituindo-se num dos maiores acontecimentos sócio-lírico e literário da época, nesta cidade. Atraído pela política, foi eleito deputado pelo Maranhão (1909-1917), depois de ter sido diretor dos Negócios do Estado, da Justiça e Legislação do Estado do Rio. Em 1928, esteve em Buenos Aires, como ministro Plenipotenciário brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e ali ocupou a cadeira nº 2. Sua bagagem literária de mais de 120 obras publicadas, colocou-o, desde logo, como um dos mais fecundos autores da língua portuguesa. Obrigado a viver da pena, num afã que não conhecia a pausa retemperadora da imaginação nem o vagar para o polimento final do estilo, escreveu obras de mérito desigual. Entre suas obras, citam-se: "Fogo Fátuo", "A Árvore da Vida", "Livro de Prata", "A Conquista", "A Capital Federal", "Sertão", "O Jardim das Confidências", "Banzo" e "Por Montes e Vales". Possuía as condecorações de Grande Oficial da Ordem da Coroa da Bélgica, de Cavaleiro da Legião de Honra da França, de Comendador da Ordem Militar de San Thiago da Espanha e de Comendador da Ordem da Coroa, da Itália.

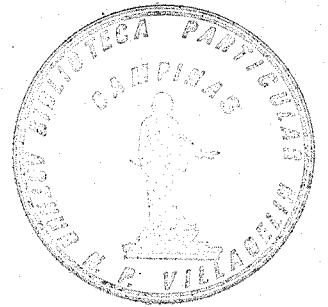


Coelho Neto



Coelho Neto

NO dia 28 de novembro de 1934, falecia no Rio de Janeiro o escritor Henrique Maximiliano Coelho Neto, nascido em Caxias, Maranhão, a 20 de fevereiro de 1864. Frequentou durante algum tempo a Faculdade de Medicina, desistindo desse curso para seguir o de Direito, que também não concluiu. Ainda adolescente, começou a dedicar-se a literatura, escrevendo em 1891 seu primeiro livro, "Rapsodias". Em plena agitação abolicionista, trabalhou na "Gazeta do Rio", com José do Patrocínio, e no "Diário de Notícias", com Rui Barbosa. Atraído pela política, foi eleito deputado pelo Maranhão (1909-1917), depois de ter sido diretor dos Negócios do Estado, da Justiça e Legislação do Estado do Rio. Esteve em 1928 em Buenos Aires, como ministro plenipotenciário. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, e ali ocupou a cadeira número 2. De suas numerosas obras — mais de uma centena — existem traduções em vários idiomas. Depois de 1930, publicou "Fogo Fatuo", "A Cidade Maravilhosa", "A Árvore da Vida" e "Livro de Prata". Possuía as condecorações de Grande Oficial da Ordem da Coroa da Bélgica, de Cavaleiro da Legião de Honra da França, de Comendador da Ordem Militar de São Tiago da Espanha e de Comendador da Ordem da Coroa, da Itália.



"O Estado de São Paulo" TERÇA-FEIRA — 4 DE DEZEMBRO DE 1984

Dois leitores

Coelho Neto

Sr.: A data não é apenas grata e significativa para as letras nacionais, porque é nossa, de Campinas também.

Passou-se no último dia 23 de novembro o cinquentenário da morte do notável escritor Coelho Neto, traspasse muito sentido por outro luminar, seu amigo confrade da Academia Brasileira de Letras e compadre, Humberto de Campos, que, numa de suas últimas crônicas publicada no extinto "Diário de São Paulo", de 29/11/1934, assim se expressava, entre outras coisas:

"Dorme, desde ontem ao meio-dia, no seio da terra, o meu querido Coelho Netto. Há muitas semanas esperava a notícia terrível do descalace fatal. E ao recebê-la chorei. Os soluços vieram-me à garganta, e explodiram. Sobreveio, porém, a reflexão. A morte, comparada aquele resto de vida, era um bem, uma esmola de Deus. E recolhi-me a pensar nele, a recordar a nossa estima de 22 anos, e que durante esse período, não foi toldada, jamais por uma suspeita, não sofreu, nunca, um esmorecimento".

Ao casar-se, Humberto de Campos fez questão que seu grande amigo e a esposa, d. Géby, lhe fossem padrinhos; e, quando nasceu o primeiro filho, deu-lhe o nome do agora compadre: Henrique.

E prossegue: "Coelho Netto continuará a viver e a reviver na minha saudade. Não o enfermo, deitado na sua cadeira ou na sua cama, quase inerte, indiferente a tudo que o cercava; mas o orador magnífico da conferência acadêmica sobre Ibsen e do necrológio de Laet; o homem-nervos, o homem-vida, o homem-vibração, que dominava os auditórios, pondo-lhes no rosto o sorriso ou a lágrima. E o escritor soberbo, o trágico shakespeariano da Treva, o lyrico enamorado das 'Rhapsodias', o desbravador que revoeu com a penna, lançando-os ao Deserto, os tesouros de Salomão".

Por que afirmei, de início, que a efeméride era cara, também, para Campinas? Porque Coelho Neto residiu algum tempo aqui, quando, premido pelas condições financeiras precárias, no Rio, teve que se virar, inscrevendo-se ao concurso de uma cátedra no "Culto à Ciência" e vencendo-a, tornando-se professor de Literatura. Juntamente com o grande tribuno campineiro César Bierrenbach, Campos Novaes e alguns outros, fundou o tradicional Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

Aqui, manteve a mesma intensa

atividade social e literária que proporcionava aos amigos, no Rio, e, no Natal de 1903, foi autor da célebre "Pastoral", representada no teatro local, tornando-se um dos maiores acontecimentos sócio-lítico e literário da época, em Campinas.

Registrou-a, em seu consagrado livro "Campinas... Recordações", o jornalista e amigo particular de Júlio de Mesquita, Leopoldo Amaral, em 1927, dizendo sobre uma visita de Coelho Neto à cidade:

"O ilustre escritor Coelho Netto acha-se sob o formoso céu de Campinas, céu azul precorizado por todos que visitam o berço de Carlos Gomes. Está, pois, em terra campineira o presentemente, pontífice máximo da literatura nacional. Vem rever a nossa terra, vem rever physionomias amigas. Aqui residiu ele, há 20 anos, dignificando em nosso Gymnasio a cathedra da matéria em que o seu espirito alcançou a mais brilhante culminância entre os homens de letras, nossos patricios.

Seus alunos idolatravam o professor que lhes ministrava conhecimentos das letras, ao mesmo tempo em que os prendia pelos laços da estima..."

Familiar dos grandes clássicos, Coelho Neto conhecia a literatura clássica portuguesa, francesa, alemã, inglesa, grega e oriental. Lembro-me que, ainda na palavra de Humberto de Campos, Coelho Neto, diante de sua enorme cultura e cabedal de termos e frases, costumava, nas tertúlias que promovia em sua casa da rua do Roso, nas Laranjeiras, solicitar aos presentes que lhe "jogassem" um vocábulo e em seguida, ele, de improviso, burlava verdadeiras jóias literárias!

Infelizmente, como acontece em nosso país sem memória, Coelho Neto há anos está esquecido e suas magníficas obras sem reedição, apesar de ter sido um dos mais ativos escritores.

Marques Rebelo considerou-o um "parnasiano" em prosa, enquanto o filólogo Silveira Bueno classificou-o na escola Realista.

Seu estilo era, porém, muito rebuscado, repleto de vocábulos arcaicos e os leitores menos afeitos, tinham que recorrer ao dicionário para decifrar quase tudo. Silveira Bueno diz, confirmando-nos, "que Coelho Neto tinha a linguagem portuguesa, o estilo pomposo, a imagem viva e colorida, abusando de extenso e desconhecido vocabulário..."

Mário Pires, Campinas